



A complexidade

Acho que o tempo nos vai dando outro olhar sobre a vida e que isso poderá modificar os modelos com que lidamos. É possível que estejamos perante uma **mudança de civilização** caracterizada pela passagem das sociedades de poder para as sociedades de diálogo e de afecto.

Eu tenho consciência de que o mundo em que nasci não era assim. **Nasci numa sociedade de poder.** As pessoas aceitavam naturalmente que o poder era o instrumento de gerir o mundo e era muito restrito o papel do diálogo nos nossos costumes e na nossa maneira de olhar.

Mesmo na família. O que caracterizava a relação pais e filhos era a autoridade. Vivi essa experiência: o meu pai, que era uma pessoa afectuosa, tinha com os filhos uma atitude autoritária que marcou as nossas vidas. Felizmente que a sua relação com a filha mais nova lhe abriu a vida para outro olhar. Ele estava a ser vítima da atitude cultural que marcava aquela época e não havia outra maneira que não fosse essa para regular as relações humanas.

Mas não era só a família: as próprias sociedades estavam marcadas pelo uso do poder e isso era uma prioridade nas nossas vidas. **Na Europa de então, a maioria aceitava a prioridade do poder**

na organização da sociedade: Hitler, Mussolini, Estaline e tantos outros exerciam o uso do poder como forma de gerir o mundo e uma boa parte da sociedade aceitava isso sem consciência do absurdo que significava. Não tenham dúvidas: foi no meu tempo e através de outro absurdo – a guerra mundial – que ficou mais ou menos esclarecida essa questão. Hoje, pelo menos na Europa, é difícil admitir que as sociedades possam sobreviver através de um ditador.

Mas temos de estar atentos: **a própria democracia está revelando as suas fraquezas** e isso obriga-nos a ter a percepção de que o futuro não se resolve com a indiferença mas com a consciência permanente de que a reflexão sobre as relações humanas é uma realidade que nos acompanha e que não podemos dar como resolvida.

Esta atitude perante a vida é a única que nos deixa aproximar da realidade que é fundamentalmente uma complexidade. É também o tempo que nos vai revelando que **a natureza humana não é simples** e que não podemos progredir se não nos aproximarmos da realidade com a consciência de que o futuro será feito com o respeito dessa complexidade que nos condiciona.

Eu sou um optimista, sobretudo quando falo com pessimistas. Tenho dias em que olho para o futuro com esperança, que consiste exactamente neste abandono das sociedades de poder. Mas não vai ser simples.

Às vezes penso que **a entrada da mulher na história** poderia resolver essa situação, mas não consigo também deixar de pensar que a mulher, à medida que se aproxima e usa as formas de poder, também se “masculiniza” e com isso cai no fascínio do poder.

Olho para o futuro com a consciência da complexidade da natureza humana e, por isso, da dificuldade de termos presente que nada, nem a política, nem a economia, nem o poder, mas **só o diálogo e o afecto** poderão dar-nos outras perspectivas. ●

Olho para o futuro com a consciência da complexidade da natureza humana e, por isso, da dificuldade de termos presente que nada, nem a política, nem a economia, nem o poder, mas só o diálogo e o afecto poderão dar-nos outras perspectivas.